

## VERISSIMO

### Triste Jasmine

O filme “Blue Jasmine”, de Woody Allen, é ao mesmo tempo uma consagração e uma demolição. A consagração é da atriz Cate Blanchett, que nos dá, sem exagero, uma das grandes interpretações da história do cinema. Demolição é o que sofre a sua personagem no filme.

Há alguns exemplos de diretores que fizeram filmes especificamente para suas atrizes bri-

lharem, como acontece com “Blue Jasmine”. O exemplo mais recente é do próprio Woody Allen, que fez “Annie Hall” para Diane Keaton dar seu show — e, pelo que se diz, para levá-la pra cama. Desta vez o presente é para Blanchett. Que, por justiça, deve dedicar o Oscar que fatalmente ganhará no ano que vem a Allen. Já Jasmine, a trágica personagem que ela interpreta, teria todo o direito de processar o autor do filme por crueldade mental.

Woody Allen costuma homenagear diretores que admira em seus filmes. Já brincou de Ingmar Bergman várias vezes, já fez sua versão do “Oito e meio” de Fellini, e em “Blue Jasmine” evoca “Um

bonde chamado desejo”, que Elia Kazan fez de uma peça de Tennessee Williams. Como a Blanche Dubois interpretada por Vivien Leigh naquele filme, Jasmine é uma vítima dos homens e das suas próprias fantasias. No filme de Kazan, a insensibilidade masculina que destrói a frágil Blan-

**A consagração é da atriz Cate Blanchett, que nos dá, sem exagero, uma das grandes interpretações da história do cinema. Demolição é o que sofre a sua personagem**

che é a de um Marlon Brando brutal e suarento. Em “Jasmine”, o homem é um sofisticado Alec Baldwin, do mundo das altas falcatruas financeiras. A destruição é a mesma.

Allen faz tantos filmes seguidos que conversar sobre sua obra poderiam sempre começar com a pergunta “Viste o deste ano?” Acho que não há outro cineasta vivo ou morto com uma produção tão grande — fora, claro, aqueles diretores do cinema primitivo que faziam um filme por semana. Sua obra inclui algumas bobagens (aquele sobre Barcelona ele deve estar querendo esquecer), mas a média é extraordinária. E “Blue Jasmine” é um dos melhores. ●

JOÃO UBALDO RIBEIRO

### Mártires da democracia

Sabemos todos que a História muda segundo quem a observa. Para os contemporâneos dos fatos, a importância que lhes é dada frequentemente é bem distinta da que terá dentro de poucas décadas. O que era invisível aparece, o que não tinha importância a adquirir, o que era básico se torna acessório, quem era tratado como gênio ou esperança nem mais é lembrado. E o anedotário de todos os povos armazena uma fartura de previsões hoje estapafúrdias, vaticínios que se demonstraram asneiras descomunais, afirmações definitivas cuja validade mal chegou a aniversariar. Mas isto não impede que continue irresistível a tentação de dar palpites sobre o chamado veredito da História, é uma espécie de jogo que pode até ser divertido, assim para um domingo ocioso, sem nada melhor para fazer.

Não creio que nós, os contemporâneos do mensalão, estejamos, no geral, enganados quanto à importância histórica do julgamento. Até apostas estão sendo resolvidas pelo Brasil afora, porque houve muitos que empenharam um dinheirinho na convicção de que não viria cadeia para nenhum dos réus engratados e influentes. Nada realmente autorizava a crer que fosse acontecer algo de muito diferente do que acontece desde o tempo do Marquês de Pombal. Até alguns ministros do Supremo Tribunal Federal eram, ou são, considerados comprometidos com o partido no poder e muito se comentou que, no caso do ministro Joaquim Barbosa, sua nomeação foi tencionada para resultar no mesmo tipo, digamos, de apoio — só que, neste caso, como dizia meu amigo Cuiuba, alguém tomaram um bonde errado.

Em outros contextos, o assunto já estaria morrendo. O julgamento engasgou bastante, rateou várias vezes e suscitou um número espantoso de besteiras e bravatas, mas acabou chegando ao fim, depois de anos de doloroso trabalho de parto. Pronto, assunto encerrado, sentenças em cumprimento, está na hora de cuidar de outras coisas, nossos problemas são bem mais graves e não cabe ficar falando mais em presidiários, já acabou. Só que, como temos visto, não acabou. Os condenados, que insistem em ser considerados presos políticos, também mobilizam apoio para a tese de que são inocentes e vítimas de uma espécie de golpe e de instituições que se perverteram para destruí-los.

Qualquer presidiário, em qualquer tempo e de qualquer natureza, invariavelmente se declara inocente, direito garantido pela liberdade de expressão. Mas a avaliação que os presos do mensalão fazem de seu papel nesses acontecimentos para mim será inteiramente diversa, dentro de pouco tempo. Eles de fato são, como quase chegam a pintar-se, mártires da democracia — e eu acrescentaria do progresso —, mas não no sentido de que foram atingidos por grupos (?) que manipularam as instituições democráticas para levá-los ao cárcere, tratando-se, pois, de uma falsa democracia, que precisa ser reformulada.

Eles são mártires da democracia, do progresso e — de novo faço um acréscimo — da igualdade, porque, através de seu suplício, demonstra-se, finalmente na prática e não no gogó — que figu-



**Os condenados, que insistem em ser considerados presos políticos, também mobilizam apoio para a tese de que são inocentes e vítimas de uma espécie de golpe**

rão poderoso da elite governante ou financeira também pode ir para a cadeia, banqueiro importante também pode e pode até ser fugido do xadrez como qualquer ladrão de galinha, mulher rica pode, deputado pode, qualquer um pode. Este é um compromisso das instituições que agora ultrapassa o palavreado gongórico das leis que exaltam a soberania popular, em direção à realidade compreensível por qualquer um. Os governantes atualmente no poder não deviam agir tão compungida ou petulantemente, diante do cumprimento das sentenças; deviam vangloriar-se e mostrar ao mundo que agem conforme o que professam.

São mártires da democracia, do progresso, da igualdade e — lá vai novo acréscimo — da educação, porque, logo nos primeiros dias de cadeia, provocaram esclarecimentos envolvendo direitos dos cidadãos. Tratados, sem razão ou embasamento jurídico, de forma privilegiada em relação a outros presos, na questão das visitas, logo tiveram de ingressar, por pressão dos discriminados noticiada pela imprensa, no mesmo regime que os demais. Outros privilégios foram, ou serão certamente coibidos. Na cadeia, o único doutor deve ser o diretor da enfermaria. Tudo igualitário e educativo, exatamente

o que eles sempre defenderam politicamente, mas nunca conseguiram implantar pelos métodos que tentaram, notadamente o de comprar adesões e agir como se a coisa pública desse ser de quem consegue gastar mais dinheiro — o que talvez seja uma verdade cínica, mas deve ser rejeitada pela boa consciência e não pode constituir a forma de agir do governante. Indo para a cadeia, fizeram muito mais para a consecução dos ideais e objetivos proclamados que quando em liberdade.

Através desse martírio, chama-se também a atenção para problemas talvez menores, que de vez em quando ocupam um governante ou outro, mas jamais de forma decisiva ou que leve a uma ação eficaz. Um deles é a situação dos presídios e cadeias. Que vergonha seria para a famosa imagem nacional, se aparecesse em alguma revista ou tevê americana um ex-dignitário brasileiro confinado numa cela junto com mais oito condenados, um cano de água fria saindo da parede, um vaso sem tampa e demais componentes talvez da maior parte das celas brasileiras. O espetáculo das duas senhoras condenadas expostas a vexames também é uma visão vergonhosa, deprimente e lamentável. Sempre foi assim, mas não se notava com muita clareza, cabendo aqui, mais uma vez, a venerável observação de que no dos outros é refresco. Agora que o dos outros pode vir a ser o nosso, teremos mudanças. Estes são os grandes legados dos mártires, os que nosso futuro guardará. Se não guardar, vai dar-se mal. ●

João Ubaldo Ribeiro é escritor

### Ciência contra as desigualdades

JACOB PALIS

A maior e mais importante reunião internacional de cientistas e autoridades de áreas relacionadas a ciência, tecnologia e inovação terá lugar no Rio de hoje a quarta-feira. Trata-se de uma oportunidade única para que consolidemos nossa posição de grande destaque no cenário internacional em áreas portadoras de um futuro melhor para a nossa sociedade.

Assim é que o Fórum Mundial 2013, que conta com a presença de mais de 600 líderes mundiais de mais de 120 países, tem como foco “Ciência para o desenvolvimento sustentável global”. Promoverá o diálogo entre cientistas, inclusive jovens, governantes, líderes culturais e da indústria, entre outros, com o papel de congregar diferentes atores a trabalharem em conjunto para a constituição de sociedades inclusivas e sustentáveis. O grande desafio é indicar o papel da ciência para moldar um mundo melhor, reduzindo desigualdades regionais.

A desigualdade como barreira para a sustentabilidade global, o uso da ciência para lidar com os recursos naturais, a plantação sustentável de florestas, o papel da ciência na inovação e a importância de políticas científicas adequadas para a construção do futuro imediato são alguns dos temas a serem tratados no Fórum. A programação e os perfis dos participantes estão no site [www.sciforum.hu](http://www.sciforum.hu), que também transmitirá ao vivo as sessões.

Desde sua origem em 1999, o Fórum tem sido

**O Brasil pode e deve preparar-se para assumir um papel de liderança nas próximas décadas. Julgamos ser esta uma oportunidade única**

organizado a cada dois anos pela Academia de Ciências da Hungria em sua sede em Budapeste. A extraordinária escolha do Brasil para agora sediá-lo é resultado do avanço de nossa ci-

ência nos últimos anos e da atuação de nossa academia no cenário internacional. Sua realização tem amplo apoio do governo brasileiro, através dos ministérios da Ciência, Tecnologia e Inovação e da Educação, pela Capes, fundações de Amparo à Pesquisa estaduais, em especial a Faperj e a Fapemig, e dos membros institucionais da Academia Brasileira de Ciências, além de parceria com a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.

Mais do que nunca, nosso futuro será moldado por ciência, tecnologia e a inovação. E o Brasil pode e deve preparar-se para assumir um papel de liderança nas próximas décadas. Julgamos ser esta uma oportunidade única de mobilizar a comunidade científica nacional e internacional para discutir de forma produtiva tópicos de extrema importância, gerando propostas que possam vir a desenharem um futuro melhor para todos os povos. ●

Jacob Palis é presidente da Academia Brasileira de Ciências

ALDIR BLANC

### Os podres dos puros

Para os que procuram saber mesmo, sem dissimulações e desculpas, saiu o documentário “Gasland-2”. Está passando em canais por assinatura. Vou resumir a mamata: em uma só penada, o chefe branco Baby Bush, com o verdadeiro mandachuva, Dick Cheney, por trás, autorizou a pesquisa de gás por “fraturamento do solo”, um processo simples e limpo. Um cano é enfiado até 2 mil e poucos metros de profundidade. Em seguida, injeta-se nele enormes quantidades de água pura. Fácil, né? A pressão da água acaba causando as fraturas, o que libera gás. Um detalhe importante: no país do respeito à propriedade privada, o cara acorda, vai se espreguiçar na varanda dos fundos e dá de cara com máquinas fazendo o trabalho, sem permissão do proprietário. Se o malandro se aborrecer com esse desrespeito e quiser fumar, é só abrir a bica mais próxima que, ao invés de água, sai uma labareda. Isso aí. Fogo saindo das bicas. O outrora límpido riacho solta borbulhas sulfúricas porque os lençóis freáticos já foram contaminados. Um cidadão inteligente mandou analisar a água, trazida por milhares de imensos caminhões-pipa que arrebetam as estradas, e — surpresa! — encontraram quase 600 (seiscentos) compostos químicos na dita-cuja, todos venenosos. Já vejo os trouxas que acreditam nas promessas de Bananobama, o Bush Negro, murmurando: “Deve ter melhorado com a chegada

**Se políticos foram presos por violar suas funções, o mesmo se pode dizer dos juízes**

do herói afro-americano.” Não. Piorou muito. O meio ambiente está sendo degradado, crianças adoecem, há casos de enjoos crônicos, vômitos, dores de cabeça constantes e tumores. Vi alguns cavalos e vacas que parecem alienígenas em filme do Ed Wood. As reclamações não dão em nada. O Puder garante que o método é inócuo. Calcula-se que a praga esteja espalhada, com milhares e milhares de postos em cerca de 40 estados daquela (des)União.

Conta-se que um adolescente foi ao banheiro, com o tradicional gíbi, deu a descarga ainda sentado no vaso e churraqueou as pudendas. Ao passar, pela- do e urrando, por dois ingleses, não ouviu o diálogo tipicamente britânico:

— Com mil diabos!

— Algum problema no terceiro olho, indeed...

Resolvi escrever sobre esse fraturamento porque o mau cheiro, lá e cá, é avassalador.

No momento em que escrevo, o delator Roberto Jefferson continua solto. Consta que o bravo tribuno Barbosinha disse: “Não tenho mais pressa.” Se isso for verdade, a Cega anda viciada e uns são mais condenados do que outros. Réus que pegaram regime semiaberto permanecem ilegalmente encarcerados. O circo de mídia, imagens monótonas de ônibus e avião durante horas, com a repetição do mantra “...a prisão de José Dirceu e José Genoíno...”, no dia da proclamação da ré-pública, pelo amor de meus netinhos e bisneto, essas armações falam por si só.

Em que Papuda está preso Mamaluff? Não acredito na Justiça brasileira. Se políticos foram presos por violar suas funções, o mesmo se pode dizer dos juízes. Sugestão: coloquem um tubo de gás no meio do Supremo. Vai pintar feodor. Gasland-3. ●

Aldir Blanc é compositor